

lhido pelo autor, de medir assimilação pelo padrão de identificação étnica (cf. Glaser), de acôrdo com o qual a investigação é conduzida para a descoberta das categorias étnicas (ideologia étnica) que orientam a ação do sujeito, o curso por ela assumido (preferências associativas) e os efeitos psico-sociais da ação (sentimentos provocados por contactos étnicos). Êsses os três componentes do padrão de identificação étnica, complexo que, no esquema de Glaser é tomado como unidade de investigação, de acôrdo com um ponto de vista que não leva em conta estrutura social. O objetivo das proposições de Glaser parece ser, de um lado, elaborar um esquema para a compreensão do sentido das relações interétnicas e, de outro, fundamentar a possibilidade de medir sua orientação e sua intensidade. E' êsse, pensamos, o significado das hipóteses relativas à existência de um "continuum" no padrão de identificação étnica e da tentativa de definir pontos ("segregating — marginal — desegregating — assimilated") nesse "continuum". Parecem estar aí lançadas as bases para a tentativa de um escalonamento adequado à medida de relações interétnicas. Com isto, se vê a que distância nos encontramos, ao adotar a posição de Glaser, de uma concepção estrutural de sociedade. Esta última perspectiva envolve uma visão da vida social em termos de "totalidades" e a posição que pode ser discernida no esquema de Glaser pressupõe a possibilidade de fragmentação dessa realidade (não apenas para fins analíticos) e de considerar o complexo mais restrito, constituído pela ação social do sujeito, como unidade de investigação.

Com essas considerações tivemos em mente evidenciar a importância estratégica que, na posição metodológica subjacente ao trabalho sôbre os Terêna, cabe ao conceito de conduta. Progressivamente desligado do contexto teórico a que Nadel o inseriu e que serviu de ponto de partida para Roberto Cardoso de Oliveira, foi reelaborado de maneira original, no sentido de permitir a utilização de um esquema como o de Glaser. Foi a exploração do conceito de conduta, tal como realizada pelo autor, que possibilitou o recurso alternado, de modo consistente, de perspectivas metodológicas que não têm sido, na maioria das vêzes, aproveitadas associadamente. Os resultados conseguidos no cap. VIII evidenciam as possibilidades abertas por essa tentativa de integração. Lamentamos, apenas, mais uma vez, que ela se tenha processado principalmente no plano de tratamento metodológico dos materiais empíricos e que o autor não tenha formalizado os problemas teóricos nela envolvidos.

*Maria Sylvia Franco Moreira*

MECENAS DOURADO: *A Conversão do Gentio*. 211 págs. Liv. S. José. Rio de Janeiro, 1958.

O livro do sr. Mecenas Dourado sôbre "A Conversão do Gentio" não trata, como pode sugerir o título, de uma discussão teórica da possibilidade de sociedades tribais assimilarem e integrarem harmônicamente no bojo de sua cultura padrões e valores religiosos elaborados por sociedades de estrutura social mais complexa e cultura mais diversificada. E' um estudo da atividade catequética jesuítica entre as populações indígenas do Brasil no início da colonização, isto é, nos séculos XVI e XVII. Entretanto, não pretende o Autor estudar, de um ponto de vista que possa interessar ao antropólogo, a situação de contacto cultural e os resultados decorrentes. A constatação de que as populações indígenas não se converteram, como o prova a abundante documentação que recolhe, nem poderiam se converter, conforme postulam as teorias antropológicas às quais recorre, é o tema do livro; entretanto, seu objetivo último consiste em permitir elaborar uma perspectiva de análise da missão jesuítica livre das distorções introduzidas sôbre a matéria pelos que possuem pré-noções ou estão interessados

em vulgarizar uma atitude apologética em relação ao trabalho missionário ou, ainda, pelos que, não laborando com categorias científicas, não conseguem desvendar o papel histórico real e concreto da Companhia de Jesus no Brasil. Dêse modo, repetindo, o livro tem a finalidade propedêutica de equacionar com clareza o problema da natureza do papel histórico desempenhado pela Companhia de Jesus no Brasil.

A introdução e os cinco capítulos do livro são dispostos tendo em vista esclarecer as seguintes questões: primeiro, constatar o fracasso da missão catequética; segundo, discutir à luz da teoria antropológica a tese da impossibilidade teórica da conversão religiosa e aplicá-la à situação anteriormente referida; e terceiro, em vista dos resultados obtidos nas questões anteriores, vislumbrar as perspectivas de análise do papel histórico da atividade missionária jesuítica.

Na primeira parte realiza o Autor uma pesquisa empírica conforme os padrões do inquérito histórico. Seleciona as passagens de cartas, sermões e informações jesuíticas, coligindo um rico material que lhe permite afirmar que os testemunhos daqueles que trabalharam diretamente na experiência catequética são francamente negativos. Nesse sentido, chama a atenção para o testemunho do Padre Manuel da Nóbrega, configurado no seu *Diálogo sobre a conversão do gentio*, no qual o jesuíta conclui, sem ilusões, sobre o caráter improfícuo do trabalho missionário. Lembra o Autor que o trabalho de Nóbrega, escrito em 1559 e publicado em 1880 pela Revista do Instituto Histórico, tem sido sistematicamente omitido pelos autores que, assim, preferem desconhecer ou não considerar sua riqueza documental. O Padre Serafim Leite na sua longa *História da Companhia de Jesus no Brasil* refere-se apenas tangencialmente ao trabalho de Nóbrega e, ainda assim, para veicular informações inexatas, dizendo, brevissimamente, que êsse Diálogo "é um tratado apologético sobre a catequese" (pág. 12).

A seguir, o Autor desloca seu plano de análise, abandona os métodos usuais dos inquéritos históricos e passa a discutir, de um ponto de vista teórico, o problema da possibilidade de sociedades tribais "converterem-se" aos padrões religiosos elaborados pela cultura ocidental. Nesse sentido, o Autor mobiliza as teorias formuladas por L. Lévy-Bruhl sobre a natureza da mentalidade primitiva. Dêse ponto de vista, a conversão seria inviável, primeiro, em vista da impossibilidade de os povos primitivos assimilarem conceitos abstratos como a noção de Deus, "que implica uma idéia de causa que só pode produzir-se nos limites de certos hábitos mentais, conseqüência de determinados estágios de civilização", diferentes do das populações tribais com as quais os jesuítas tiveram contacto; e, em segundo lugar, considera que o nível de integração da realidade sócio-cultural nas sociedades primitivas nos permite afirmar que o fato social é na verdade um fato total, conseqüentemente, é pouco provável e teoricamente inconsistente imaginar que as populações indígenas pudessem integrar unilateral e harmônicamente os padrões e valores religiosos que lhes eram propostos pelos jesuítas. De outro lado, considera, finalmente, que a conversão não poderia ocorrer como um fenômeno individual. Isto porque, mesmo não se aceitando as formulações durkheimianas de que, no nível de sociedades de estrutura social pouco complexa e cultura pouco diversificada, o individual se aproxima e como que se funde ao social, forçoso é reconhecer que o processo social de individualização, a par de outros que trabalham fundamente nessa sociedade, são frutos de situações sociais específicas inexistentes para aquelas populações com as quais os jesuítas entraram em contacto. Dêse modo a conversão como um fato individual tornaria o convertido num marginal dentro de seu grupo.

A esta altura, o Autor acredita-se com possibilidades de vislumbrar o papel histórico real e concreto desempenhado pela Companhia de Jesus: não podendo integrar

as populações indígenas pela conversão, isto é, “pelo elemento espiritual”, os jesuítas, entretanto, não abandonam sua tarefa, integrando-as como “instrumento de trabalho e de guerra”. “Verificada a vacuidade da catequese, como instrumento de conversão, os jesuítas continuaram a trabalhar com o indígena, fazendo dêle, principalmente, seu auxiliar na atividade econômica das granjas, armazéns, currais, pescarias, fazendas, etc., que deviam manter os colégios não mais para catequistas — pois que o seu objeto rareava dia a dia — mas seminários para filhos de portugueses e brasileiros” (pág. 168). Isso permite ao Autor afirmar, à guisa de conclusão, que “se há uma história a ser contada, é útil, para saber-se até onde o índio pode colaborar para a civilização e a história do Brasil, no que os jesuítas tiveram de interferência política e econômica — e não somente catequista e espiritual — que precisa ser escrita”.

Apesar do valor desigual dos argumentos apresentados, o livro têm o mérito de colocar em nova perspectiva um problema de grande interêsse antropológico.

*Amadeu Duarte Lanna*

B. HOLAS: *Les Sénoufo (y compris les Minianka)*. Monographies ethnologiques africaines. 183 págs. Presses Universitaires de France. Paris, 1957.

A intenção dêste trabalho é oferecer uma descrição das populações de que trata, e por êste motivo segue o mesmo plano desenvolvido em outras monografias da série. Como trabalho descritivo é dos mais rigorosos, permitindo uma visão geral do tipo de ocupação da terra desenvolvida por êstes povos e dos vários aspectos que caracterizam sua cultura.

Segundo o plano já estabelecido para a série em que se enquadra, divide-se em 5 partes, a saber:

I — Ambiente físico; II — Ambiente humano; III — Vida material; IV — Vida social e V — Vida espiritual.

Infelizmente não se pode perceber as interrelações entre os aspectos tratados nestas diferentes partes, e por isso não se tem uma visão global da cultural estudada.

A vida econômica, por exemplo, é descrita nas várias formas de aproveitamento dos recursos naturais, mas não se percebem as interrelações dessas técnicas com outros aspectos da cultura que são objeto de capítulos diferentes.

O problema da mudança cultural não é abordado nem mesmo naqueles momentos em que se descrevem certas técnicas ou padrões visivelmente importados e que são parte das práticas das respectivas populações. Não há qualquer consideração quanto aos mecanismos que permitiram a aceitação.

Porém, se se admite, como o Autor, que monografias dêste tipo são necessárias para que se possa posteriormente chegar a resultados “mais vastos e aprofundados” (pág. 81), o trabalho só merece elogios, porque como descrição é cuidadoso e sugestivo. Como se pode avaliar pela bibliografia arrolada às págs. 173-176, são poucos os trabalhos que se referem aos povos de que trata o livro, que, assim, vem preencher uma lacuna, oferecendo um quadro geral, elaborado com rigoroso espírito científico. Nestas condições, justifica-se a preocupação em apenas descrever as culturas, para depois melhor compreendê-las, uma vez que mesmo êsse primeiro passo estava por dar.

*Ruth Corrêa Leite Cardoso*